



DOMINGO DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

Jo 20,1-9

Caros irmãos e irmãs,

Neste domingo a liturgia nos faz chegar ao domingo da Páscoa, quando somos convidados a olhar o túmulo vazio de Jesus e, com admiração e gratidão, refletir sobre o grande mistério da Ressurreição do Senhor. A vida venceu a morte!

Já na Vigília pascal, entoamos novamente o grito da alegria, o “Aleluia”, uma palavra hebraica conhecida em todas as línguas e que significa “Louvai o Senhor”. Este grito do Aleluia volta a ressoar para indicar a nossa alegria diante da Ressurreição do Senhor. Mas este aleluia pascal deve imprimir profundamente em nós o desejo de constantemente louvar o Senhor, pelas maravilhas que Ele operou em cada um de nós. E como consequência disso, cada cristão é chamado a ser proclamador de uma vida nova, deve fazer morrer em si o “velho homem”, o homem marcado pelo pecado; e fazer ressurgir o “homem novo”, configurado a Cristo ressuscitado.

O texto evangélico que a Liturgia da Palavra nos apresenta para este domingo começa com uma indicação aparentemente cronológica, mas que deve ser entendida, sobretudo, em chave teológica: “No primeiro dia da semana”. Significa que com a ressurreição de Jesus começou um novo ciclo – o da nova criação, o da Páscoa definitiva. Aqui começa um novo tempo, o tempo do homem novo, que nasce a partir da doação de Jesus.

A primeira personagem em cena é Maria Madalena. Ela é a primeira a dirigir-se ao túmulo de Jesus, ainda quando o sol não tinha nascido, na manhã do “primeiro dia da semana”. Em seguida, ela corre, com medo, mas feliz, para comunicar esta notícia aos discípulos de Jesus.

Na sequência, o texto evangélico nos apresenta a visita de Pedro e do discípulo que Jesus amava ao túmulo vazio. O evangelista São João narra com exatidão os detalhes da cena: as faixas de linho, que tinham envolvido o corpo, estavam lá depositadas e o pano da cabeça estava enrolado e colocado à parte (cf. v. 6-7). Esta minuciosa descrição do evangelista tem a finalidade de excluir a teoria do roubo do cadáver.

O túmulo vazio é um argumento decisivo em favor da ressurreição de Jesus. É isto, como de fato, que expressa na confissão do discípulo amado que vai até ao túmulo na companhia de Pedro: “Ele viu e acreditou” (v. 8). Isto supõe que o discípulo amado terá verificado, pelo estado em que ficou o sepulcro vazio, que a ausência do corpo de Jesus não podia ter sido obra humana. Mediante os sinais da morte: o túmulo, os lençóis, o sudário... o discípulo vê os sinais da vida. Na verdade, vê sem ter visto ainda,

e já começa a crer ou a dar crédito, até que sua fé seja plenamente confirmada e esclarecida pelas aparições.

Com relação ao Apóstolo Pedro, parece que ele é vencido não só na corrida material, mas também na espiritual. O discípulo que Jesus amava, identificado pela tradição como o apóstolo João, mostra a sua fé na ressurreição; quanto Pedro, embora vendo as mesmas coisas, limita-se a constatar e não chegar ainda à fé na ressurreição (cf. Jo 20,3-10).

Também quando Jesus aparece junto ao mar de Tiberíades é mais uma vez o discípulo que Jesus amava que o reconhece, enquanto Pedro, só mais tarde o reconhece (cf. Jo 20,7). A não identificação do nome do discípulo que Jesus amava no texto, pode ser um indicativo de que todos nós devemos estar no lugar deste discípulo. Acreditar que Cristo ressuscitou para estar conosco.

Cada domingo, com a recitação do Credo, nós também renovamos a nossa profissão de fé na ressurreição de Cristo, acontecimento surpreendente que constitui a chave de volta do cristianismo. A ressurreição de Jesus é a verdade culminante da nossa fé em Cristo, acreditada e vivida como verdade central pela primeira comunidade cristã, transmitida como fundamental pela Tradição, estabelecida pelos documentos do Novo Testamento e pregada como parte essencial do mistério pascal (cf. CIgC 638).

Na Igreja tudo se compreende a partir deste grande mistério, que mudou o curso da história e que se torna atual em cada celebração eucarística. Mas existe um tempo litúrgico no qual esta realidade central da fé cristã, na sua riqueza doutrinal e inexaurível vitalidade, é proposta aos fiéis de modo mais intenso, para que cada vez mais a redescubram e mais fielmente a vivam: é o tempo pascal. Um tempo em que a Igreja revive, em cada celebração, onde temos a alegria de vivenciar a ressurreição do Cristo Senhor. Páscoa é a passagem de Jesus da morte para a vida, na qual se cumprem em plenitude as antigas profecias.

A morte do Senhor demonstra o amor imenso com que Ele nos amou até ao sacrifício por nós; mas só a sua ressurreição é "prova certa", é certeza de que quanto Ele afirma é verdade que vale também para nós, para todos os tempos. E o Apóstolo São Paulo nos ensina na sua Carta aos Romanos: "Se confessares com a tua boca o Senhor Jesus e creres no teu coração que Deus O ressuscitou do entre os mortos, serás salvo" (Rm 10, 9).

O enfraquecimento da fé na ressurreição de Jesus conseqüentemente torna-se frágil o testemunho dos crentes. De fato, se faltar na Igreja a fé na ressurreição, tudo desmorona. Ao contrário, a adesão do coração e da mente a Cristo morto e ressuscitado muda a vida e ilumina toda a existência das pessoas. Certamente é a fé na ressurreição que sustentou e deu coragem aos primeiros discípulos e também aos mártires ao longo da história. É o encontro com Jesus ressuscitado que motivou muitos homens e mulheres, que desde o início do cristianismo continuam a deixar tudo para O seguir e colocar a própria vida ao serviço do Evangelho.

Esta verdade marcou também de forma tão profunda na vida dos apóstolos que, após a ressurreição, sentiram novamente a necessidade de continuar propagando os ensinamentos do Mestre e, ao receberem o Espírito Santo, saíram pelo mundo inteiro,

para anunciar a todos o que tinham visto com os próprios olhos e experimentaram pessoalmente. O mesmo pode-se dizer de São Paulo, cuja fé na ressurreição de Cristo o levou a dizer: "Se Cristo não ressuscitou é vã a nossa pregação e vã a nossa fé" (1Cor 15,14).

Podemos dizer ainda que a ressurreição de Cristo, e o próprio Cristo Ressuscitado, é princípio e fonte da nossa ressurreição futura: "Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram... Do mesmo modo que em Adão todos morreram, assim também em Cristo serão todos restituídos à vida" (1Cor 15,20-22). Cristo verdadeiramente ressuscitou! Não podemos reter somente para nós a vida e a alegria que Ele nos deu na sua Páscoa, mas devemos doá-la a quantos nos são próximos. É o nosso objetivo e a nossa missão continuar anunciando, assim como fez Maria Madalena, que Cristo Ressuscitou e caminha conosco ao longo da vida.

Na expectativa de que isto se realize, peçamos a intercessão da Virgem Maria, para que possamos progredir sempre mais na fé, agora iluminada pela Ressurreição do Senhor, para que possamos ser para todos os que encontrarmos pelo nosso caminho, mensageiros da verdadeira luz e da alegria da Páscoa. Assim seja.

D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB
Mosteiro de São Bento/RJ